

Graciela Haydée Barbero

## **A psicanálise e as manifestações contemporâneas da sexualidade. Um outro saber possível\***

Este trabalho tem por objeto questionar a tradicional associação entre homossexualidade e patologia mental, que caracteriza o pensamento de numerosos psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, alguns dos quais foram analisados brevemente. Afirma a idéia de que este termo remete a um tipo de escolha sexual e amorosa diferente da heterossexual, mas tão possível de ser saudável ou criadora de sintomas como ela. O problema principal estaria na condenação social, algo que, por outra parte, está mudando muito rapidamente no mundo contemporâneo.

- Palavras-chave: Homossexualidade, preconceitos no saber psicanalítico tradicional, formas atuais de erotismo, novas teorizações psicanalíticas

*This article questions the traditional association between homosexuality and mental pathology, propounded by many psychologists, psychiatrists and psychoanalysts, some of whom were analyzed briefly. The author of the present article holds that the term homosexual refers to a different way of loving and of sexuality that can be as healthy or as pathological as any other form of sexuality. The main problem could well be in today's social condemnation which, however, is changing rapidly in today's world.*

- Key words: Homosexuality, prejudice in psychoanalytic thinking, new theorization on eroticism, new psychoanalytical theories

Eu gostaria hoje de estar comentando com vocês um assunto que me parece da maior importância: da diferenciação fundamental que creio deve ser realizada urgentemente entre homossexualidade e

doença mental. E de como a psicanálise, segundo o que por ela se entenda, tem tomado posições completamente diversas em relação a este assunto.

A homossexualidade, que pode ser vista

\* > Trabalho apresentado em Mesa-redonda do Seminário *Expressões sexuais contemporâneas e as minorias sexuais – Uma leitura psi*, realizado na Câmara Municipal de São Paulo, em setembro de 1999.

simplesmente como uma direção preferencial ou única dos desejos amorosos e sexuais por pessoas do mesmo "sexo", já foi erroneamente considerada pelo saber médico e psicanalítico como uma anomalia, uma degeneração, o resultado de um conflito neurótico, uma perversão sexual, um transtorno de caráter ou um problema de identidade. O caráter científico dos termos utilizados não impede que possam ser tão preconceituosos como qualquer outra generalização sem fundamentos.

Desde o ponto de vista da saúde mental do indivíduo, o principal é que a sexualidade seja vivida sem traumas e, penso eu, respeitando os valores éticos que deveriam reger qualquer relacionamento social, especialmente o respeito pelo outro na sua diferença que não é a mesma coisa que a aceitação de postulados moralistas sobre as condutas eróticas ou sexuais, que já não fazem sentido algum neste final de século que estamos vivendo.

Mas aqui comecem os problemas. Para o psicanalista, é claro, aquele que se preocupa com os aspectos éticos de sua tarefa, e para os leigos que, queiram ou não, "sofrem" da psicanálise em alguma das muitas formas em que ela faz parte da cultura da modernidade.

Nos dias de hoje, a questão das novas expressões sexuais e subjetivas é ainda objeto de grandes controvérsias entre os profissionais da área. E não podemos desconhecer os movimentos sociais, surgidos em muitos países nestes últimos tempos, exigindo que estas questões sejam reconhecidas como válidas. Eu acho que as mesmas merecem uma atenção para além da simples tolerância ou aceitação. Sua existência revela que as formas

e usos sociais são mutáveis e a força com que têm aparecido parece nos indicar que há ali um caminho que nossas pesquisas deveriam percorrer.

Os códigos culturais e as formas típicas de estruturação subjetiva mudam no percurso da história. Se durante séculos o amor entre mulheres fora condenado ao ostracismo, se o amor entre homens era ridicularizado, hoje ele é parte de um movimento que demanda lugar na vida coletiva de várias maneiras e por tanto também devemos encontrar seu lugar na psicanálise, livre dos preconceitos que arrastou durante tanto tempo.

A psicanálise como tal não pode atribuir para si o poder de legislar e nem de emitir juízos sobre o que está certo ou errado; se qualquer forma de estruturação da identidade ou do desejo sexual e amoroso escolhida, consciente ou inconscientemente pelo sujeito, é a adequada. Ela só pode verificar, escutando atentamente, se esta "eleição" causa ou não problemas em determinado sujeito, e, neste caso, por que e como. Aqui vemos onde pode se confundir uma ideologia, uma moral, uma teoria ideológica que se pensa orientadora de um dever-ser, com uma ciência que se pergunta sobre o desejo humano e pretende contribuir para desfazer os nós que atrapalham o livre fluxo das energias criativas.

Parece-nos que o estudo das homossexualidades (como esta me parecendo melhor denominar esse conjunto de situações pessoais diversas) e de todas as outras expressões contemporâneas da sexualidade e das identidades sexuadas, poderia servir para ampliar, e talvez reformular, nossos conhecimentos sobre a sexualidade e a subjetividade humanas.

O criador da psicanálise, Sigmund Freud, já indicara o caminho (método). Ele descobriu cedo que "feminilidade" e "masculinidade" são construtos sociais que se desenvolvem na criatura humana, como marcas profundas, a partir de seu contato com os outros, fundamentalmente nos primeiros anos de vida. Este processo culmina, segundo seu autor, com uma série de identificações "normalizadoras" que representam a solução do que ele denominou "complexo de Édipo". Normalizadoras, entre outras coisas, porque, segundo alguns pensam, estas identificações *deveriam* coincidir com o sexo que a anatomia assinala. Mas nem sempre acontece desta forma. E é justamente neste ponto que a psicanálise vem para iluminar os pressupostos do passado, à medida que Freud esclarece e demonstra, já em 1905, que a pulsão, a diferença dos instintos animais, não tem um objeto predeterminado associado a ela. O objeto se constrói a partir das relações primárias da criança.

O que ele diz neste trabalho é que, para a psicanálise, "o *interesse sexual exclusivo* de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado (Freud, 1972, p. 146) já que ele pensava que tanto os tipos normais como os que nesse momento chamou de "invertidos" se desenvolvem a partir de uma base original sobre a qual operam restrições num ou noutro sentido.

Há aqui uma questão crucial que vem ficar evidente: ou a psicanálise, na sua prática, coloca-se do lado dessas "restrições" (ou normas) a respeito desta questão e se transforma numa ciência normativa além de normalizadora, ou a psicanálise se isenta de ocupar esta posição ideológica e

moral, como seu fundador sempre fez, apesar de ter tido que lidar uma e outra vez com a sua própria ideologia. Para Freud, aquilo que pode causar problemas para um sujeito, está mais perto da exclusividade do objeto, da sua fixação e imobilidade, do que do sexo do parceiro ou das identificações realizadas.

Jurandir Freire Costa (1995) afirma que Freud desenvolve, durante o percurso da sua obra, pelo menos cinco tentativas de sistematização das questões relativas à homossexualidade masculina, tentando achar a gênese ou as causas que levariam a esta orientação. É conhecido por outra parte, seu estudo de "... um caso de homossexualidade feminina", que não teve um final (analítico) muito feliz. Porém, se bem que alguns preconceitos morais da sua época aparecem de diversas formas nestes textos, sua posição política e ética, neste sentido, foi sempre muito clara: homossexualidade não é doença e a psicanálise não é chamada para resolver os problemas que ela por ventura pudesse representar para a sociedade.

Por outra parte não podemos patologizar um comportamento fora de um contexto de singularidade no qual este se revele como sintoma. E se ele é considerado um "sintoma" pelo incômodo que produz no mundo social, isto pode ser indicador de que se está na hora de repensar o fenômeno. As expressões contemporâneas da sexualidade, na sua multiplicidade fenomênica, não podem ser condenadas à categoria de simples transgressão, perversão ou "sacanagem", sem se reconhecer o potencial enorme de mudanças simbólicas que representam.

Freud pensava que as "moções homossexuais" deveriam ser reprimidas pelo bem

da sociedade e não se questionava este fato, como se fosse algo "natural" (ou seja, era um preconceito ideológico), mas também se dava conta que muitas pessoas, sadias psiquicamente e socialmente produtivas, apresentavam estes comportamentos e/ou desejos e que em outras culturas, como por exemplo na Grécia Antiga, a homossexualidade, em algumas situações, era vista de forma positiva.

Lamentavelmente, a discrição que caracterizava este autor excepcional não foi imitada pelos seus discípulos, a maioria dos quais continuou procurando os elementos patológicos, neuróticos, perversos ou caracterológicos que estariam por detrás destes comportamentos "homossexuais" que evidentemente os chocavam nas suas idéias morais e em alguns outros pontos causadores de angústia, que não é o caso de analisar neste momento.

É claro que os critérios de saúde e normalidade são sempre relativos a uma comunidade historicamente datada, mas confundir o reprovável com o doentio é um perigo que acompanhou todos os saberes que se consideraram fechados, completos e indiscutíveis, quer dizer, os saberes dogmáticos, totalitários, obscurantistas e paralisantes.

Sabemos, por outra parte, pelos estudos da Antropologia, da Literatura, da Mitologia e de outras ciências afins que sempre houve, nas mais variadas épocas e lugares, algum tipo de manifestações do homoerotismo, às vezes socialmente valorizadas.

A partir desta evidência, Roberto Graña, psicanalista brasileiro, apresentador e organizador de uma obra que reúne trabalhos atuais sobre este tema ainda tão polêmico, se pergunta por que então os psi-

canalistas ainda hoje insistem em situar "os homossexuais" como instigantes anormalias a serem explicadas ou solucionadas sem pensar que este "*emergente atípico*" não deixou nunca de se apresentar na história da humanidade e portanto que tratar-se-ia mais bem: "... de uma manifestação constante no campo dos possíveis variacionais?" (Graña, 1998, p. 10-11). Ele afirma depois que o estatuto de anomalia merece ser cuidadosamente reexaminado pelos psicanalistas, sobretudo porque há um reconhecimento da existência de tais "*emergentes anômalos*" entre os psicanalistas ditos oficiais.

A continuação comenta que durante o 40º Congresso Psicanalítico Internacional um certo número de psicanalistas participantes se apresentou, no palco, autodesignando-se gay ou homossexual, para logo colocar uma questão. O público, que no começo ria nervosamente, foi reagindo de forma cada vez mais séria e tolerante.

Outros congressos aconteceram onde esta questão voltou a aparecer. Também artigos e textos teóricos. Fica evidente que dentro dos profissionais da saúde médicos, psiquiatras, psicólogos, psicanalistas há muitos que se reconhecem nestas transformações. Hoje, por exemplo, estamos aqui reunidos para poder falar e refletir juntos sobre a significação enorme deste fato, e fundamentalmente para abrir espaço para o surgimento de mais uma verdade.

A opinião de Freud a respeito da aceitação de pessoas "homossexuais" como membros da Instituição Psicanalítica era clara. No que diz respeito à filiação de homossexuais, considerava que não poderiam excluir "tais pessoas" sem outras ra-

zões que o justificassem já que o importante seria, "outras qualidades do candidato".<sup>1</sup>

Contrariamente, e sem deixar aparentemente de concordar com a idéia freudiana de que não há nenhuma naturalidade essencial na sexualidade humana, muitos autores e teorias tentaram demonstrar "cientificamente" a anormalidade de todas as condutas que não coincidiam com os ideais heterossexuais, e inúmeros psicoterapeutas que, seguindo estes lineamentos, tentaram orientar todos seus pacientes para o "bom comportamento" heterossexual, independentemente de seus desejos e do empobrecimento psíquico que disto resultava.

Vejamos, muito sinteticamente, a quantas distorções teóricas e condutas terapêuticas moral e ideologicamente discutíveis estes "pseudo-saberes" conduziram, seguindo a resenha que apresenta Graña no mesmo artigo da obra que mencionei anteriormente.

Antes de ser uma questão que interessasse aos cientistas, pareceria que os comportamentos eróticos entre pessoas do mesmo sexo não foram considerados adequados ou inadequados em conjunto até que se estabeleceram regras baseadas nos conceitos do Cristianismo, que considerava qualquer sexualidade como algo proibido, permitindo-se somente seu exercício com fins de reprodução. Durante a Idade Média a "sodomia", como essa relação era chamada na época, foi colocada do lado das heresias e perseguida cruelmente. Com o nascimento das ciências modernas, os "desvios" dos compor-

tamentos sexuais considerados normais, ou seja, ligados à reprodução, foram listados, classificados e estudados com fins terapêuticos e preventivos. Um desses pesquisadores, muito famoso, Kraft-Ebing, por exemplo, pensava que homossexualidade e transvestismo eram resultado de degenerações hereditárias e suas idéias foram aceitas por um tempo, de forma tal que um médico nos E.E.U.U. proporia a castração eugênica para estas pessoas, especialmente nos meios pobres e de população negra, que eram, segundo ele, os mais *perigosos*.

Um outro cientista alemão, contemporâneo de Freud, Havelok Ellis, um tanto mais tolerante, colocou em xeque a teoria da degeneração e falou de anomalias de gênero em pessoas que não considerava, por outra parte, patológicas. Demonstrou a inutilidade da castração já que os indivíduos assim tratados não somente não mudavam sua orientação sexual senão que desenvolviam paralelamente tendências melancólicas e paranóides, visto a quantidade de suicídios e homicídios que seguiam a este procedimento "terapêutico".

Outras tentativas de cura foram os choques convulsivos, as terapias de aversão, os tratamentos hormonais não desejados pelos sujeitos e as lobotomias pré-frontais, nenhuma das quais obteve, obviamente, os resultados esperados.

A mudança drástica que Freud impôs aos conceitos, apesar das marcas ideológicas que aparecem em alguns lugares da sua obra, não conseguiu evitar que se continuassem procurando meios de tratar esta

<sup>1</sup> Pode-se ler esta opinião num trecho duma carta dirigida a Ernest Jones, junto com Otto Rank em 1921.

nova "doença mental". Outros saberes dominavam no ambiente médico-psicológico. Nos Estados Unidos, muitas pessoas com comportamentos, desejos e fantasias homoeróticas, durante muitos anos, e ainda agora, foram e são "tratados" analiticamente seguindo as idéias de C.W. Socárides, autor internacionalmente conhecido, com uma perspectiva "conversora" ou "reversora" das sexualidades e identidades não convencionais.

Também na França temos o exemplo atual de uma conhecida psicanalista, J. Chasseguet-Smirgel, porta-voz de muitos intelectuais que consideram ainda qualquer homossexualidade como perversão, e, nas suas palavras, "... a perversão é o equivalente de uma religião do diabo" (1989, p. 3-8).

Socárides também se ocupou da homossexualidade feminina. Num trabalho publicado na Argentina, em 1969, ele enumera os fatores que seriam pré-requisitos ótimos para obter resultados favoráveis na "cura" das pacientes (e também dos...) homossexuais. Entre eles estariam: a existência de sentimentos de culpa em relação aos desejos homossexuais, de poucas (?) tendências destrutivas tais como a violação da lei e a prostituição, a *afortunada ausência duma mulher* à qual a paciente pudesse acudir (no caso feminino), o fato de que o uso da homossexualidade como arma agressiva contra o pai seja *de intensidade leve* e, finalmente, que outros analistas não hajam diagnosticado o caso como *incurável*.

Mais além das confusões teóricas que poderíamos ler entrelinhas, fica claro que desde esta perspectiva, só será "curado" quem desejar se submeter a um processo violento de adaptação às normas vi-

gentes mais convencionais e, para isso, não é necessário, e nem recomendável, uma análise.

Contrastando com estas especulações e tomada de posições radicais, uma voz feminina (e lésbica), pertencente ao grupo das feministas radicais italianas, diz o seguinte:

A norma de comportamento heterossexual pode ser definida como o modelo fundador do patriarcado. Segundo ela a "opressão heterossexual" obstaculiza e nega o amor entre mulheres para impedir sua autonomia erótica e existencial individual ou a possibilidade de uma aliança entre elas. (Fiocchetto, 1987, p. 11)

Um dado curioso, citado pela mesma autora, afirma que em 1736, a mulher lésbica era considerada *fálica, onanista e ninfomaniaca*. Nessa época numerosos médicos e cirurgiões se ocuparam do que eles denominavam "patologia do clitóris" e propunham, nesta linha, a necessidade de amputar as mulheres "superdotadas". Apesar do absurdo da idéia, não parece tão longe de nossa época, quando pensamos nas elevadas cifras de mulheres submetidas ainda à infibulação, que podemos considerar como a operação de adequação do "aparelho reprodutor" feminino às normas da sociedade, existente ainda em muitos países. A estratégia, segundo Fiocchetto, é a patologização de qualquer sexualidade na mulher, por ser esta sempre excessiva ou excedente, para assim a poder controlar.

Ela termina seu livro dizendo:

... espero que o trabalho individual (das lésbicas) possa ser sustentado por uma psicologia e uma psicanálise lésbicas, quer dizer, por uma apropriação da ciência por parte das mulheres. (Ibid., p. 107)

Acho que é conveniente ter muita precaução quando se fala de uma psicanálise lésbica. Isto é fundamentalmente a expressão de um desejo. Mas, nos Estados Unidos, já é freqüente a existência de programas específicos, nas universidades, denominados "Gay and Lesbian Studies", e mais recentemente os "Queer Studies". Trata-se de um enorme desafio: os códigos culturais estão mudando, os ideais sexuais de nossa época estão em plena transformação. As ciências sociais, as ciências humanas e, particularmente, a psicanálise, deverão repensar a partir desta evidência.

#### REFERÊNCIAS

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. Perversão e ordem divina. *Revista da Sociedade de Psicologia do RGS*, Rio Grande do Sul, ano XI, n. 11, p. 3-8, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – Estudos sobre homoerotismo II*. São

Paulo: Escuta, 1995.

FIOCCHETTO, Rosanna. *La amante celeste – La destrucción científica de la lesbiana*. Madrid: Estro Editricie, 1987, p. 11.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 146. v. VII.

GRAÑA, Roberto (org.). *Homossexualidade – Formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOCÁRIDES, Charles. Desarrollo histórico de los conceptos teóricos y clínicos sobre homosexualidad femenina evidente. In: LANGER, Marie et al. *La homosexualidad femenina – Las respuestas del psicoanálisis a una cuestión sumamente eludida*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso editor, 1969, p. 107-43.

Artigo recebido em janeiro/2003

Aprovado para publicação em maio/2003

**16 anos não é brincadeira!**  
***Pulsional Revista de Psicanálise* circula  
no Brasil e no exterior, todo mês.  
Faça agora sua assinatura.**

**Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise**  
**Rua Dr. Homem de Mello, 446**  
**05007-001 São Paulo, SP**  
**Fonefax: (11) 3672-8345 • 3675-1190 • 3865-8950**  
**e-mail: pulsionarevistas@uol.com.br**